



Há festas que a Igreja celebra porque comemoram um acontecimento determinado da vida de um santo. E há outras que parecem abrir uma janela diretamente para o Céu. A solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria pertence, sem dúvida, a esta segunda categoria.

Todos os dias 15 de agosto, há muitos séculos, a Igreja contempla Maria não simplesmente como uma mulher santa que terminou a sua vida terrena, mas como aquela que, por um privilégio singular de Deus, foi elevada de corpo e alma à glória celeste. A liturgia tradicional exprime esta realidade com uma riqueza extraordinária: fala da morte de Maria, da sua *Dormição* ou do seu *Transitus*, da sua glorificação, da sua entrada triunfal no Céu e da sua coroação como Rainha.

Não estamos, portanto, diante de uma devoção mariana secundária. Estamos diante de uma celebração profundamente cristológica, porque tudo aquilo que a Igreja proclama acerca de Maria conduz, em última análise, a Cristo.

A Assunção recorda-nos algo que a nossa época tem uma necessidade urgente de ouvir: **o corpo humano não é um objeto destinado ao consumo, ao prazer ou à destruição; está chamado à glória da ressurreição.**

E Maria é já, antecipadamente, o sinal luminoso daquilo que Deus quer realizar em todos aqueles que permanecem unidos a Cristo.

1. Antes da Assunção, houve o *Transitus*

Para compreender a riqueza desta festa, é necessário começar por uma palavra antiga: *Transitus*.

A tradição cristã oriental fala habitualmente da *Dormição* da Mãe de Deus (*Koímēsis*), enquanto no Ocidente encontramos expressões como *Transitus Mariae*, *Dormitio*, *Pausatio*, *Depositio* e, mais tarde, *Assumptio*. Os antigos textos e celebrações não procuravam simplesmente satisfazer uma curiosidade histórica sobre os últimos momentos de Maria. A sua intenção era contemplar um mistério: **a Mãe do Salvador termina a sua peregrinação terrena e entra na glória junto do seu Filho.**

É necessário, contudo, distinguir cuidadosamente entre tradição litúrgica e fontes históricas.

Existem antigos relatos do chamado *Transitus Mariae*, alguns dos quais têm carácter apócrifo, que narram a morte, o sepultamento e a glorificação da Virgem. Estes textos não



constituem, por si mesmos, uma fonte da Revelação divina e não possuem a autoridade dos Evangelhos. A Igreja não fundamentou o dogma da Assunção simplesmente num desses relatos.

Eles mostram, porém, que, desde os primeiros séculos, existia uma profunda convicção cristã acerca do destino glorioso de Maria. A tradição litúrgica oriental já celebrava a Dormição nos séculos V e VI, e a festa difundiu-se posteriormente por todo o mundo cristão. No Ocidente, existem testemunhos antigos da sua celebração e, em Roma, ela adquiriu uma solenidade particular durante o pontificado do Papa São Sérgio I (687-701).

Isto é extraordinariamente importante.

A Igreja não começou a acreditar na Assunção em 1950.

Em 1950, a Igreja definiu solenemente como dogma uma verdade que havia sido professada, celebrada, meditada e transmitida durante muitos séculos.

2. Mais de quinze séculos de memória litúrgica

A história precisa da festa é complexa e os historiadores discutem alguns pormenores relativos aos seus primeiros desenvolvimentos. Mas permanece um facto fundamental: a celebração da Dormição ou da Assunção de Maria pertence à antiga tradição litúrgica da Igreja.

No Oriente, encontramos testemunhos de uma celebração mariana relacionada com a partida de Maria já no século V. Posteriormente, a festa consolidou-se em Jerusalém e difundiu-se por outras regiões cristãs. No Ocidente, aparece ligada aos antigos sacramentários e adquire particular solenidade em Roma.

O Papa São Sérgio I introduziu procissões solenes relacionadas com as principais festas marianas, entre as quais a Dormição. Mais tarde, São Leão IV tornou ainda mais solene a celebração da Assunção, estabelecendo uma vigília e outras manifestações litúrgicas em torno da festa.

A liturgia dizia algo através dos seus próprios gestos:

Maria não pertence simplesmente ao passado. Maria vive na glória de Deus.

A procissão, as ladainhas, o canto, o incenso, a solenidade da Missa e a estrutura do Ofício



não eram simples ornamentos exteriores. Constituían uma verdadeira catequese.

A liturgia tradicional possui precisamente esta característica: **ensina a fé não apenas através de conceitos, mas também através de símbolos, palavras, silêncios, gestos e tempos sagrados.**

3. Do *Transitus* à *Assumptio*

Existe uma evolução terminológica muito significativa.

Transitus significa «passagem», passagem de uma condição para outra.

Dormitio significa «dormição», uma maneira profundamente cristã de falar da morte quando esta é contemplada à luz da esperança da ressurreição.

Assumptio, por sua vez, coloca o acento na ação de Deus: Maria é assumida, elevada pelo poder divino.

Isto ajuda-nos a compreender a estrutura interna do mistério.

A Igreja não ensina simplesmente que Maria morreu.

Também não ensina simplesmente que a sua alma foi para o Céu.

O dogma afirma algo muito mais preciso: **Maria foi elevada de corpo e alma à glória celeste.**

E aqui encontramos uma diferença essencial em relação a todos os outros santos.

Os santos que veneramos ainda aguardam a ressurreição dos seus corpos no último dia. Maria, por um privilégio absolutamente singular relacionado com a sua missão e com a sua união com Cristo, participa já corporalmente da glória do seu Filho.

Pio XII exprimiu isto solenemente na constituição apostólica *Munificentissimus Deus*, promulgada em 1 de novembro de 1950: a Imaculada Mãe de Deus, depois de ter completado o curso da sua vida terrena, foi elevada de corpo e alma à glória celeste.

É importante observar uma precisão teológica: **a Igreja definiu que Maria, «tendo completado o curso da sua vida terrena», foi elevada ao Céu, mas não definiu dogmaticamente se morreu ou não.**



A tradição litúrgica da Dormição inclina-se fortemente para a realidade da sua morte, mas o dogma de 1950 deixou deliberadamente esta questão em aberto.

4. A liturgia tradicional transforma a teologia em oração

Uma das grandes riquezas do antigo rito romano consiste no facto de a doutrina não aparecer isolada da oração.

O fiel não precisa de assistir a uma aula de teologia para compreender que está a celebrar algo extraordinário. É a própria Missa que o introduz no mistério.

O Intróito tradicional da Missa da Assunção começa com estas palavras:

«**Signum magnum apparuit in caelo: mulier amicta sole...**»

«Um grande sinal apareceu no Céu: uma Mulher revestida de sol...»

A referência provém do capítulo 12 do Apocalipse:

«*Apareceu no Céu um grande sinal: uma Mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.*»
(Ap 12,1)

A tradição católica viu nesta Mulher uma referência de extraordinária riqueza simbólica, ligada à Igreja e, de modo eminente, a Maria.

A liturgia contempla a Virgem como **Mulher glorificada, Rainha e sinal de esperança para o povo de Deus.**

E isto possui uma imensa importância pastoral.

O cristão moderno vive rodeado de imagens de sucesso, beleza, juventude e poder que desaparecem rapidamente. Maria aparece, pelo contrário, como uma beleza que não se corrompe, uma vida que não termina no sepulcro e uma existência que encontra a sua plenitude em Deus.



5. Maria: humilde na terra, gloriosa no Céu

O paradoxo da Assunção é profundamente evangélico.

Maria era uma jovem mulher humilde de Nazaré.

Não pertencia às elites políticas.

Não escreveu tratados filosóficos.

Não ocupou cargos públicos.

Não procurou reconhecimento.

A sua grandeza consistiu em dizer:

«*Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.*»
(Lc 1,38)

E precisamente esta humildade torna-se glória.

O Magnificat exprime perfeitamente esta lógica divina:

«*Porque pôs os olhos na humildade da sua serva; de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.*»
(Lc 1,48)

A Assunção é, de certo modo, o cumprimento visível destas palavras.

Deus exalta aquela que se humilhou.

Deus glorifica aquela que obedeceu.

Deus eleva aquela que se entregou.



A liturgia tradicional conserva esta lógica com uma clareza impressionante: **a verdadeira grandeza não consiste em elevarmo-nos a nós próprios, mas em deixarmo-nos elevar por Deus.**

6. A Assunção é inseparável de Cristo

Existe uma tentação muito frequente quando se fala de Maria: fazer da mariologia algo independente de Cristo.

A autêntica tradição católica faz precisamente o contrário.

Maria é glorificada porque é a Mãe de Cristo.

É Imaculada pelos méritos antecipados de Cristo.

É Mãe de Deus porque o seu Filho é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

É elevada ao Céu porque o seu destino está unido de modo singular à vitória de Cristo sobre o pecado e a morte.

Por isso, a Assunção não entra em concorrência com a Ascensão de Jesus Cristo.

Cristo **sobe ao Céu pelo seu próprio poder divino.**

Maria **é elevada pelo poder de Deus.**

Cristo é o Redentor.

Maria é a primeira redimida de modo eminente e singular.

Cristo é a fonte da graça.

Maria é uma criatura plenamente transformada por essa graça.

Tudo conduz novamente ao Salvador.

Pio XII relacionou expressamente a Assunção com a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, apresentando-a como a consumação dos privilégios concedidos à Mãe do Redentor.



7. A tradição litúrgica anuncia a ressurreição do corpo

Este é talvez um dos aspetos mais atuais desta festa.

Vivemos numa cultura que, paradoxalmente, ao mesmo tempo idolatra e despreza o corpo.

Exalta-se a aparência física, mas considera-se simultaneamente o corpo como uma propriedade sobre a qual se pode dispor de forma absoluta.

Fala-se constantemente de bem-estar corporal, mas esquece-se o seu destino eterno.

A Assunção rompe com esta visão.

O corpo de Maria é glorificado.

Isto significa que a matéria não é má.

O corpo não é uma prisão para a alma.

A sexualidade não é um simples mecanismo biológico.

A vida humana não é um acidente casual sem destino.

O corpo faz parte da pessoa e está chamado, pela graça de Deus, a participar na glória futura.

São Paulo proclama:

«Se Cristo está em vós, embora o corpo esteja morto por causa do pecado, o espírito é vida por causa da justiça.»
(Rm 8,10)

E depois afirma a esperança definitiva da ressurreição.

A Assunção de Maria é precisamente uma antecipação privilegiada desta realidade.

Pio XII sublinhou expressamente que a fé na Assunção deve fortalecer a nossa esperança na



nossa própria ressurreição.

8. Uma festa contra o materialismo e contra o espiritualismo desencarnado

A Assunção evita dois erros opostos.

O primeiro é o materialismo: pensar que só existe aquilo que podemos tocar, medir e possuir.

O segundo é um espiritualismo desencarnado: imaginar que a salvação consiste simplesmente em abandonar o corpo para nos tornarmos espíritos.

O cristianismo ensina algo muito maior:

Deus quer salvar o homem na sua totalidade.

Por isso, esperamos a ressurreição da carne.

Maria já participa corporalmente desta glória.

A sua Assunção proclama que o destino final do cristão não é desaparecer, mas ser transformado.

A liturgia, portanto, não nos convida a desprezar a terra. Convida-nos a utilizar corretamente as realidades terrenas enquanto caminhamos para a nossa pátria definitiva.

9. Maria como Rainha

A tradição litúrgica e teológica contempla também Maria como Rainha.

Não porque seja uma divindade.

Não porque possua uma autoridade independente de Deus.

Mas porque é a Mãe do Rei e está intimamente associada à obra de Cristo.

A imagem da Rainha aparece também ligada à Sagrada Escritura e à tradição da Igreja. A liturgia contempla Maria entrando na glória celeste e participando, de maneira subordinada e dependente, da realeza do seu Filho.



Por isso, a Assunção conduz naturalmente à festa de Maria Rainha.

A antiga sensibilidade católica compreendia muito bem algo que hoje, em muitas ocasiões, se perdeu: **o Céu não é uma ideia abstrata; é um reino, uma pátria, uma realidade de glória em torno de Deus.**

E Maria já está lá.

10. A definição dogmática de 1950 não inventou a tradição

Um dos erros mais frequentes consiste em apresentar a Assunção como uma doutrina criada por Pio XII.

Isso não é correto.

A definição dogmática de 1950 foi o resultado de um longo processo de reflexão, culto, pregação e ensinamento.

O próprio Pio XII fundamentou a definição em numerosos elementos: a Sagrada Escritura, a Tradição, o consenso dos bispos e dos fiéis, o ensinamento dos Padres e Doutores da Igreja e, de maneira particularmente significativa, a antiga prática litúrgica tanto oriental como ocidental.

A liturgia não criou o dogma.

Mas manifestou durante séculos a fé da Igreja.

Esta é uma das razões pelas quais a liturgia tradicional é tão preciosa para a formação católica: permite constatar como uma verdade de fé foi rezada antes de ser explicada sistematicamente em todo o seu desenvolvimento teológico.

Lex orandi, lex credendi: a lei da oração está intimamente ligada à lei da fé.

11. A mensagem espiritual da Assunção para o nosso tempo

Que pode dizer-nos Maria elevada ao Céu em pleno século XXI?

Muitíssimo.



Primeiro: **não fomos criados apenas para esta vida.**

O mundo moderno pode levar-nos a viver como se o horizonte terminasse na reforma, no consumo, no entretenimento ou na morte.

Maria recorda-nos que a nossa existência possui uma dimensão eterna.

Segundo: **a pureza importa.**

Maria ensina-nos que o corpo pode ser templo de Deus e que a virgindade, a castidade e a modéstia não são relíquias de outra época.

Terceiro: **a humildade conduz à verdadeira grandeza.**

A cultura contemporânea ensina constantemente a promovermo-nos, a exibirmo-nos e a competir.

O Evangelho ensina a servir.

Quarto: **o sofrimento não tem a última palavra.**

Maria estava junto da Cruz.

A Mãe das Dores torna-se a Mãe glorificada.

O caminho da Cruz conduz à glória quando é vivido unido a Cristo.

12. Como viver espiritualmente a festa

A solenidade da Assunção não deveria ser reduzida a uma procissão, a uma bela imagem ou a um dia feriado.

Pode tornar-se uma verdadeira escola espiritual.

Podemos começar por participar na Santa Missa com verdadeiro recolhimento, procurando ler previamente os textos litúrgicos.

Podemos rezar o Santo Rosário, especialmente os mistérios gloriosos.

Podemos meditar o Magnificat.



Podemos ler Apocalipse 12 e 1 Coríntios 15.

Podemos contemplar o destino eterno do nosso próprio corpo e perguntar-nos se vivemos de acordo com a dignidade daquele que está chamado à ressurreição.

E podemos fazer-nos uma pergunta simples, mas decisiva:

Estou a caminhar para o Céu ou vivo como se esta terra fosse o meu destino definitivo?

A Assunção obriga-nos a levantar os olhos.

13. A liturgia tradicional como escola da eternidade

Talvez seja aqui que se encontre um dos grandes tesouros da antiga liturgia.

Numa sociedade acelerada, a liturgia tradicional abranda a alma.

Numa cultura saturada de palavras, reencontra o silêncio.

Num mundo que muda constantemente de opinião, conserva uma continuidade de muitos séculos.

E quando chega o dia 15 de agosto, toda esta tradição parece concentrar-se numa única imagem:

Maria entra na glória.

A Igreja não a contempla como uma figura do passado, mas como uma realidade presente em Deus.

O Intróito fala da Mulher revestida de sol.

O canto proclama a sua exaltação.

A oração pede para participar um dia da sua glória.

Assim, a liturgia transforma o dogma em esperança.

Não diz apenas:



«Isto aconteceu a Maria.»

Diz também:

«Olha para onde conduz a graça de Deus quando encontra uma criatura plenamente entregue a Ele.»

Conclusão: Maria já chegou onde esperamos chegar

A Assunção é uma das festas mais luminosas de todo o calendário católico.

Começa com uma mulher humilde de Nazaré e termina com uma Rainha na glória.

Começa com o *Fiat* e culmina na coroação.

Começa na terra e termina no Céu.

Começa com uma criatura que diz «faça-se» e termina com essa mesma criatura contemplada na plenitude da glória.

Durante mais de quinze séculos, a Igreja acompanhou este mistério com cânticos, procissões, vigílias, Missas, Ofícios, hinos e orações. A liturgia oriental falou da *Dormição*; a tradição ocidental desenvolveu com crescente clareza a celebração da *Assunção*. E em 1950, Pio XII confirmou solenemente como dogma de fé aquilo que a Igreja tinha venerado e ensinado durante séculos: Maria, depois de ter completado a sua vida terrena, foi elevada de corpo e alma à glória celeste.

Mas a festa não termina com Maria.

A Assunção é também uma promessa.

Maria é a criatura que já chegou.

Nós ainda estamos a caminho.

Ela contempla Deus face a face.

Nós ainda caminhamos nas sombras da fé.

Ela possui a glória.



Nós esperamos por ela.

Por isso, todos os dias 15 de agosto, a Igreja convida-nos a olhar para o Céu e a recordar o nosso verdadeiro destino.

Não fomos criados para o túmulo.

Não fomos criados para o pecado.

Não fomos criados para o vazio.

Fomos criados para Deus.

E Maria Santíssima, elevada de corpo e alma, permanece diante de nós como o mais belo sinal desta esperança.

Ao contemplá-la, podemos repetir com uma profundidade renovada as palavras do seu próprio cântico:

«*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador.*»
(Lc 1,46-47)

Porque a glória de Maria não diminui a glória de Cristo.

Pelo contrário.

Quanto mais contemplamos a Mãe na sua grandeza, tanto mais compreendemos a grandeza do Filho que a redimiou, santificou e finalmente a levou consigo para a glória.

E esta é, em última análise, a grande lição da Assunção: **aquele que pertence verdadeiramente a Cristo não caminha para o nada, mas para a ressurreição, a vida eterna e a glória de Deus.**